



26 de Novembro, 1974

ENTREVISTA DA SENHORA MINISTRA DOS ASSUNTOS SOCIAIS PARA
A REVISTA DAS DONAS DE CASA

1 - O facto de uma mulher ocupar, pela primeira vez, um cargo ministerial, vem abrir um caminho que até agora estava vedado. Como encara A Senhora Ministra este facto e que repercussões teve na sua vida pessoal ?

Resposta - Eu não creio que o cargo ministerial que ocupo estivesse propriamente vedado às mulheres. O que acontece é que, em todo o mundo e em todos os sectores da vida social, quanto mais se avança para as estruturas de tomada de decisão, mais se verifica a ausência de mulheres. Isto deve-se a múltiplos factores e em primeiro lugar, a uma real discriminação. Não considero que, pelo facto de uma mulher ser ministro, se possa dizer que a situação das mulheres melhorou substancialmente. Numa interpretação um pouco maquiavélica da realidade, podemos até dizer que "simbólicamente" as mulheres estão representadas, mas de facto não estão presentes. Quanto ao facto de ser uma mulher a ocupar o cargo acho que isso é importante aqui, como noutros sectores, e também tive a ocasião de ser a primeira mulher a trabalhar num conjunto fabril da maior empresa portuguesa, e evidentemente que a repercussão imediata foi: "as mulheres, afinal, também são capazes." Tenho a impressão que isto não é o mais importante para nós, mulheres. O mais importante não é a avaliação da nossa capacidade, nem uma verificação de que temos as mesmas possibilidades que os homens, pois isso deve ser evidente, mas antes a certeza de que estamos a contribuir tanto quanto podemos, como pessoas, para o progresso do País, para a





vida nacional, em última instância para a felicidade geral. É nesse sentido que eu considero importante o facto de ter sido a primeira ministra. É claro que as repercussões que teve na minha vida pessoal foram muito grandes. Foram muito grandes e estão a ser muito grandes. Naturalmente, entendo que uma vida intelectual não pode viver sem um certo trabalho manual. Desde há vários anos e apesar do estatuto social de mulheres, consideradas "intelectuais" como eu, eliminar um certo contacto com os trabalhos manuais, havia trabalhos domésticos que, naturalmente, realizava. Evidentemente, na fase actual, nas tarefas presentes a realizar, isso é completamente impossível. Essa vida gravita toda à volta de preocupações de que são mais de natureza mental ou executiva. Essa parece-me ser a maior repercussão. A segunda foi a de, ou está a ser, se quizer, a de me levar a um contacto com o público.

Fundação Cuidar o Futuro

2 - Em que medida poderá o facto de ser mulher contribuir para uma concepção diferente da política assistencial, seus fins primeiros e seus processos ?

Respost a - Bom, eu acho que o facto de ser mulher não vai levar-me a definir uma política assistencial diferente. Os objectivos serão necessariamente os mesmos. Essa política nem sequer se deveria chamar assistencial, mas sim uma política de protecção social, que está de acordo com as tendências internacionais e com o reconhecimento dos direitos sociais das pessoas. No entanto, relativamente aos processos, quer dizer à maneira de conseguir a resposta colectiva às necessidades das pessoas, o facto de ser mulher leva-me a reconhecer que existe um potencial de mão-d'obra não utilizado, entre as mulheres,



que podia ser extremamente fecundo em actividades de política social. A maior parte dos países, que têm uma cobertura social completa, não o conseguem fazer à custa dos poderes públicos unicamente, mas sim num equilíbrio entre os poderes estatais e grandes organizações de voluntários. Essas organizações de voluntários são constituídas, na maior parte dos casos, por uma percentagem muito ampla de mulheres. Portanto, numa primeira aproximação, eu diria que o contacto com outras mulheres, o reconhecimento do vazio de muitas das suas vidas, interrogando-se aos 35, 38 anos sobre o sentido que a sua vida tem num momento em que as crianças vão à escola (e começam já a estar preocupadas com actividades extra-escolares de outro teor), permitiria utilizar essa mão d'obra em organizações ou totalmente voluntárias ou semi-voluntárias. Nem sequer precisa de aguardar, a meu ver, o período em que os filhos já estão claramente em fase escolar, mas na vida de todas as mulheres e em especial na vida das donas de casa, parece-me perfeitamente possível encontrar um número de horas por dia que é consagrado ao trabalho da comunidade. Se percorrermos o sector que diz respeito a este Ministério, portanto os hospitais, os centros sociais, os dispensários, os postos clínicos, encontramos imensa gente que se vê votada a um grande abandono, por um lado porque não possuímos suficientes técnicos para dar vazão às necessidades; por outro lado, porque não temos suficiente número de pessoas que, a título meramente do diálogo e da relação inter-pessoal, possam encaminhar essas pessoas quando estão numa fase de atendimento. Vejo que era perfeitamente possível mobilizar as mulheres que não têm uma vida profissional, para os hospitais, durante umas horas por dia ou por semana, em que pudessem fazer todo o trabalho sanitário; dar alimentação aos doentes, pois isso libertava o pessoal do hospital para outras tarefas, e portanto tornaria a assis-



tência médica realmente mais eficaz. Vejo inclusivamente, essas mulheres ocupadas nos serviços de urgência, de modo a conduzir as pessoas que chegam sem o amparo da família, dar-lhes a mão literalmente para uma ajuda mais humana, vejo todo uma acção de apoio que grupos de voluntários poderiam dar aos hospitais infantis, pois é sabido que, em muitos casos, a cura de uma criança depende muito do carinho e da atenção que lhe é dispen-sada o pessoal dos hospitais não tem, literalmente, tempo para se ocupar de forma continuada das crianças nestes aspectos. Vejo também todo uma trabalho a fazer tanto nos hospitais como nas instituições de pessoas idosas ou em infantários ou em internatos para crianças orfãs. É preciso frisar, contudo, que o trabalho voluntário não é um trabalho caprichoso, nem condescendente, digamos. Tem que ser um trabalho como qualquer outro trabalho, sujeito a um horário rigoroso e portanto a ser efectuado num tempo determina-do. Reconheço que isso até teria muita vantagem para a própria continuidade do treino profissional de certas mulheres, quer para aquelas que tiveram uma preparação profissional antes do casamento, quer daquelas que não tiveram nenhuma preparação profissional porque sujeitá-las-ia a um certo número de normas que são próprias de um trabalho profissional e torná-las-ia aptas para um retorno ao mundo do trabalho. Verifico que um grande número de mulhe-res, no termo das Casas dos trinta se debatem com um sentimento de inutilida-de, quando afinal há tanto a fazer. Os processos para a política assistencial, como na pergunta me foi formulado, leva justamente a por em termos novos, a inserção da família na sociedade. Normalmente, é dito que a família é uma célula da sociedade e as pessoas julgam que isso significa marido, mulher, um ou dois filhos, fecha a porta, e assim temos uma célula da sociedade. Ora assim não é de facto uma célula é um quisto na sociedade. A família só é de facto uma célula, (num organismo vivo, uma célula só contribui para o organis-mo na medida em que está num sistema permanente de trocas com outras células



de grandeza maior ou menor), só preenche a sua função social e só ultrapassa o nível de egoísmo a dois, a três ou a quatro, quando os seus membros estão verdadeiramente empenhados, em conjunto, em outras tarefas que dizem respeito à salvaguarda dos direitos das outras pessoas e à execução de trabalho para a comunidade. Parece-me que a mulher neste aspecto tem um papel muito importante; na medida em que, sendo a tendência do homem centrífuga, para fora de casa muitas vezes requerido por tarefas profissionais, outras vezes até pelo seu consaço relativamente ao meio familiar, a mulher tem uma atitude inversa, centripeda, trazer as coisas para o interior. Ao nível superficial isto significa uma atitude sub-consciente da necessidade de tornar as pessoas objecto do seu carinho e do seu interesse, mas a mulher tem de combater esta tendência de concentrar a sua atenção apenas nos membros da família e terá que, de alguma maneira, ultrapassar as portas e as janelas da sua casa.

Fundação Cuidar o Futuro

3 - A Educação, tanto a nível escolar como a nível familiar foi tão deformante na sociedade em que nós vivemos foi sempre uma educação tão pouco voltada para os deveres dos cidadãos em relação à comunidade, que não será difícil acordar as mulheres (e é claro que os homens lhe foram deformados) com trinta e tal anos, para novas tarefas?

Resposta.- Eu penso que houve uma educação deformante, na verdade, mas que a maior parte das mulheres, quando postas perante uma grande necessidade, reage de forma positiva. O problema é que, com frequência nós fazemos de conta que não vemos, e julgamos que não lhes diz respeito aquilo que se passa à nossa volta.





4 - No entanto, em certos meios é muitas vezes o marido que não quer que a mulher saia, que a mulher se ocupe de ou se interesse por assuntos fora de casa, ou que as mulheres trabalhem; há imensas mulheres que alegam só ter tempo para a casa para a cozinha e para os filhos pois os maridos assim o exigem, e portanto sujeitam-se inteiramente à vontade dos maridos. Aliás podemos aqui passar para outro campo, que é o do saber quais os planos de acção do Ministério dos Assuntos Sociais, justamente em relação à condição da mulher?

Resposta - Bom aí põe-se um problema fundamental. Põe-se o problema de que é o casamento. O casamento será a opressão de uma pessoa sobre a outra, ou realmente será o casamento o encontro de duas responsabilidades diferentes mas ao mesmo nível, o encontro de duas pessoas que têm que assumir os seus deveres? perante a sociedade? Sempre que a mulher invoca a autoridade do marido para se escusar de determinar tarefas sociais, está pura e simplesmente, a passar o seu próprio atestado de menoridade social e física, e a reconhecer que psicologicamente ainda não conseguiu um caminho de libertação. Esse caminho é aliás o único que a pode tornar numa verdadeira companheira para o marido e ele num verdadeiro companheiro dela. O problema é esse justamente, ou a mulher quer ser uma cidadã de segunda classe ou quer ser defacto, outra coisa, e para o ser não pode, de modo algum, invocar razões desse tipo? Terão que encontrar, marido e mulher um caminho progressivo de dealgo, um campo novo de partilha de responsabilidades. Quanto ao plano de acção do Ministério dos Assuntos Sociais em relação à condição da mulher, é um sector de grande importância.

O aspecto mais imediato é que o ano de 1975 é o Ano Internacional da Mulher, declarado assim pelas Nações Unidas e que em todos os Países haverá numerosas manifestações, relativamente não só aos direitos, como à intervenção das mulheres, em todo o processo de desenvolvimento e do progresso social. Mais do que um ano de festividades, é um ano que se deve aproveitar para realizar medidas concretas que permitam a integração das mulheres na vida social e política. No entanto, mesmo que se consigam medidas legislativas im-



portantes, isso tem que ser acompanhado com a própria transformação da mentalidade das mulheres e dos homens. Entre as medidas legislativas a tomar aqui em Portugal, em 1975, pelo nosso Ministério como aliás por outros Ministérios, visto que, o que diz respeito à mulher é sempre intersectorial, temos a aquisição definitiva da igualdade de salários para trabalho igual; pensamos, também, em colaboração com o Ministério da Justiça, rever o Código de Direito Civil, no que diz respeito à igualdade da autoridade do pai e da mãe na vida familiar, autoridade sobre os filhos (é um aspecto que está extremamente deformado no Código Civil). Tentaremos ainda rever as formas de viver e de trabalhar da mulher em novos esquemas, sobretudo novos esquemas de cooperação entre as mulheres. Esses novos esquemas são muito importantes em meio rural, onde se pode dizer que existem espontaneamente, mas são também muito importantes em meio urbano, sobretudo naqueles bairros onde, por força da sua novidade e até pela juventude dos seus habitantes, poderão criar-se estilos de vida novos. E agora um aspecto muito concreto. Repara-se que, se todas as pessoas do mundo quizessem e tivessem disponibilidades financeiras para adquirir os seus próprios electro-domésticos, em 1985 já não haveria metais disponíveis sobre a terra para isso. Portanto, das duas uma, ou nós pensamos à escala apenas da nossa família e então vamos amealhando dinheiro para conseguir todos os electro-domésticos em casa, ou pensamos de outra forma, ou seja, a associação de três, quatro, ou cinco famílias para a utilização de uma máquina de lavar, de uma aspiradora, de uma máquina de secar, etc. Num país altamente industrializado como é a Holanda visitei no sul, numa aldeia, uma câmara congeladora que servia toda a aldeia. Um grande frigorífico portanto! Na altura própria as várias famílias punham a carne do gado que tinham abatido, punham as suas hortaliças, tudo numerado, e toda a gente tinha acesso às suas coisas e eventualmente se houvesse entre eles alguém em necessidade, também haveria uma partilha. Isto é indubitavelmente mais económico, mais inteligente e mais solidário.



E penso que, em vez de estarmos todos a correr para o modelo burguês de toda a gente ter a casa repleta de electro-domésticos, e no fim transformando-se em servos das máquinas, seria importante pensar esquemas deste tipo que evidentemente têm que assentar na confiança, que têm riscos, naturalmente, mas acho que isso faz parte da própria cooperação. Aliás, relacionado com isto, fez-se um estudo nos Estados Unidos muito curioso. Há convicção que os electro-domésticos vêm beneficiar o trabalho caseiro; ora nos Estados Unidos fez-se uma análise do tempo gasto na utilização das máquinas e verificou-se que o tempo gastopelas donas de casa com equipamento completo de electro-domésticos é tão grande como era o das nossas avós quando tinham electro-domésticos! Isto porquê? Porque ao termos electro-domésticos aumentam as necessidades, criam-se so tudo necessidades artificiais, passamos a ter roupas doutro tipo, vamos ter ma teriais que envelhecem rapidamente, etc. Valeria a pena ponderar nisto de cada vez que utilizamos esses electro-domésticos ou quando compramos os chamados o materiais novos, que, parecendo muito prático, são materiais que se destiam afinal a uma morte precoce e que não têm sequer depois recuperação nokciclo da transformação das matérias. O que me impressionou, sobretudo, neste estudo ame ricano, foi a verificação que os electro-domésticos, tornam a mulher, ou algumas mulheres em escravas porque têm que andar ao ritmo das máquinas!

5 - Como pensa o governo resolver o problema das mães trabalhadoras em relação aos locais onde poderão deixar os filhos durante as horas de trabalho?

